

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ELANE PESSANHA DA SILVA PENHA

O FEMINISMO NEGRO E O USO DA INTERNET EM SUA PROPAGACÃO

Campos dos Goytacazes – RJ

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ELANE PESSANHA DA SILVA PENHA

O FEMINISMO NEGRO E O USO DA INTERNET EM SUA PROPAGACÃO

Monografia apresentada ao Curso Ciências Sociais do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Glaucia Maria Pontes Mouzinho

Campos dos Goytacazes, RJ

2017

ELANE PESSANHA DA SILVA PENHA

O FEMINISMO NEGRO E O USO DA INTERNET EM SUA PROPAGACÃO

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Glauca Maria Pontes Mouzinho (Orientadora)

Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Jussara Freire

Universidade Federal Fluminense

Ms Heitor Benjamim

Universidade Estadual do Norte Fluminense

Ms. Ana Carla Oliveira Pinheiro

Universidade Estadual do Norte Fluminense

Campos dos Goytacazes, RJ

2017

Resumo

Este trabalho tem como objetivo uma breve análise sobre o feminismo negro e seu contexto no Brasil e a utilização da internet como meio de propagar informações a respeito do assunto. De como o uso da internet auxilia para que a luta das mulheres negras em prol do reconhecimento de suas especificidades, seja reconhecida pela sociedade. Permitindo também que elas possam externar e compartilhar suas lutas, suas experiências, já que as mesmas tinham sua voz abafada em meio ao feminismo tradicional, já que suas especificidades étnicas não eram levadas em consideração.

Palavras Chaves: feminismo, negro, discriminação, internet.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, que me fortaleceu em meios a muitos motivos que vinham a me desmotivar e sempre me manteve de pé.

A meus pais e meu irmão, minha base

A meu marido... depois de meus pai, é quem me apoia incondicionalmente. Obrigada por me entender nos momentos de dificuldade e estar sempre ao meu lado.

A minha filha, Sâmya Wictória. Obrigada pelo simples fato de você existir em minha vida e iluminar meus dias com seu sorriso

A todos os professores do Curso de Ciências Sociais que tive contato, durante essa longa jornada acadêmica.

A minha orientadora Glaucia Mouzinho

Aos amigos que conquistei, neste pólo universitário

Em especial, aos meus amigos David Pereira (eternamente) e Pedro Paulo. David, além estudar juntos, tínhamos a mesma profissão. Durante o período que pudemos conviver, quase que diariamente, sempre estava disposto a ajudar. Com seu jeito sempre alegre, não deixava a tristeza invadi-lo, nem àqueles que estavam a seu redor. Obrigada por suas palavras de conforto, em meus momentos de tristeza. Espero que eu tenha conseguido fazer o mesmo por você, em seu momento de dor.

Já Pedro Paulo, sempre alto astral e com uma palavra amiga. Perdemos-nos no decorrer do curso, devido às adversidades da vida, mas estamos juntos novamente para concluir esta etapa.

LISTRAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UFF – Universidade Federal Fluminense

EUA – Estados Unidos da América

ONG – Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Sumário

Introdução	8
1. Início dos movimentos feministas e sua influência no contexto brasileiro.....	11
2. Algumas considerações sobre o feminismo negro e sua projeção no Brasil	16
3. O Feminismo Negro e o uso da internet: uma forma de ativismo digital.	23
Considerações Finais.....	31
Referências Bibliográficas.....	33

Introdução

Muitas vezes o caminho que nos leva a escolher um objeto de pesquisa pode ser uma tentativa de compreender a nós mesmos. Desde que iniciei minha graduação em Ciências Sociais, tinha a intenção de abordar em minha monografia algo relacionado à discussão de gênero; só não estava ainda claro o que abordar.

Devido a isso, após algumas leituras e conversas com minha orientadora, escolhi abordar o feminismo. Pesquisando, achei muitos trabalhos que discutiam sobre o feminismo de forma geral, mas queria algo diferente. Assim me veio a ideia de abordar o feminismo sob a perspectiva das mulheres negras, já que também sou negra e sei das inúmeras dificuldades que muitas enfrentam ao longo da vida. Assim descobri a existência do feminismo negro, que eu desconhecia até então. Pensei, por um lado, que talvez alguns dos meus colegas também desconhecem o assunto. Certamente, muitas mulheres do meu círculo familiar nunca tinham ouvido falar.

De certa forma, eu também me senti representada de certa forma pelo feminismo negro. Tive uma infância considerada boa, cresci num bairro considerado bom. Tive o privilégio de estudar em escola particular durante todo meu ensino fundamental e só sai, por minha própria vontade, quando quis ingressar no curso normal. Minha única função até os vinte e poucos anos, era simplesmente estudar e só entrei no mercado de trabalho quando concluí o curso técnico profissionalizante, já que minha família teve condições de me proporcionar isso. Meu pai, mesmo tendo só a quarta série do ensino fundamental, trabalhava numa empresa de eletricidade, (onde acredito que a experiência profissional ajudou muito) ganhava razoavelmente bem, nos proporcionando uma vida confortável. Minha mãe costurava em casa, para ajudar no “luxo das crianças”. Sempre tivemos casa própria, plano de saúde, meio de transporte próprio, o que para época, a meu ver, era considerado anormal para negros.

Mas algumas experiências não me deixaram alheia ao que acontecia ao meu redor. Desde a escola, a diferença já existia, mas eu não entendia. Na maioria das vezes, nessa escola particular, os negros eram minoria em sala e quando conseguiam estar lá, era por conta de bolsa, o que não era meu caso.

Minha avó materna era negra e foi praticamente a chefe da família, responsável por educar e criar os filhos, pois seu marido (influenciado pela sociedade patriarcal, mesmo sem ter noção do que era isso) a via como um ser subordinado a ele, pelo simples fato dele ser o homem da casa. Sentia-se no direito de somente ser servido e achava que não possuía nenhuma obrigação no lar, chegava até a agredi-la fisicamente se minha avó fosse reivindicar algo. Com isso, a solução era sim ir à luta, o que na maioria das vezes se dava indo trabalhar de doméstica em casa de pessoas com uma melhor condição financeira, brancas em sua maioria. Isso aconteceu também com minha mãe e minhas tias, que para ajudar em casa foram à luta também. Com muita luta e contato com mulheres mais esclarecidas, que em nada tinha de feministas, mas que as influenciaram positivamente, elas estudaram e conseguiram uma profissão.

Mesmo sem o conhecimento teórico sobre o feminismo, movimentos revolucionários e tal, pela falta de instrução acadêmica, a seu modo elas como mulheres negras, ela reivindicam e lutam e pro do que acreditam ser o melhor pra elas e seus entes próximos.

Por outro lado, em alguns momentos pude observar que algumas colegas da UFF e de outras universidades, compartilhavam no facebook, nos blogs e nos espaços físicos comuns, questões relativas às mulheres negras, se diferenciando das demandas e discursos das mulheres brancas. Assim, achei que seria válido tomá-lo como tema deste trabalho.

Como conhecia quase nada do assunto, comecei pelos textos sobre o feminismo, a seguir sobre o feminismo negro. Foram eles os norteadores que me permitiram pensar algumas questões que aparecem nas falas e textos dos blogs. Do mesmo modo, a ordem desta monografia será direcionada por meus “interlocutores”. Quero dizer que foram autores que escreveram os textos abordando o tema que darão voz ao meu. Suas concordâncias sobre um "mito de origem" do movimento feminista, o entendimento de que as mulheres negras tinham outras coisas a reivindicar e a debater, assim como suas discordâncias a respeito dos espaços de interlocução.

A partir dos textos, pude entender porque os espaços da internet são tão importantes, como auxiliam na disseminação de informações e contribuem para as formas de participação, interação e transformação dos obstáculos cotidianos que envolvem essa vertente do feminismo. As relações de gênero pensadas a partir dessa ferramenta podem

atingir os mais diversos níveis sociais, podendo gerar tensões e conflitos, assim como promover novas redes de apoio.

Muito embora possamos encontrar inúmeras especificidades no que identificamos como movimento feminista, uma questão que certamente une todas as suas vertentes é que é imprescindível que as mulheres tenham voz já que elas são maioria em movimentos populares na luta por melhores condições de vida e trabalho (Gohn, 2010). Do mesmo modo, as frentes do movimento feminista podem variar de acordo com o momento histórico e as características sociais, econômicas e políticas do país onde vivem as mulheres que o compõe. (Alves & Pitangui, 1985)

1. Início dos movimentos feministas e sua influência no contexto brasileiro

Ao longo da história, sempre haverá indivíduos que vão se rebelar contra condições que lhes são impostas, independente do motivo que isto ocorra. E foi isto que aconteceu com as mulheres. Seus questionamentos e insubordinações, se originam as organizações e os movimentos feministas.

Segundo Butler (2005), na essência da teoria feminista existe uma identidade definida, uma categoria denominada “mulheres” que constitui o sujeito ao qual visa almejar representação política e ampliar a visibilidade e legitimidade das mulheres como sujeito político; para as feministas uma linguagem que fosse capaz de representá-las se faz necessário para promoção de visibilidade política. Ainda, segundo a mesma autora, algumas diferenças são importantes na construção deste sujeito, dentre elas a distinção entre sexo e gênero, “onde sexo é destino e o gênero, culturalmente construído, assumidos por um corpo assexuado”. O sujeito do feminismo não é possível de se entender se o considerarmos fixo, estável; para que suas reivindicações sejam atendidas, é necessário expandir suas representações.

Os primeiros indícios do feminismo surgiram no fim do século XIX, onde mulheres inglesas se reuniram para lutar em prol de seus direitos, fizeram várias manifestações em Londres, foram detidas, fizeram greve de fome, chegando mesmo a sacrificarem a própria vida por seus direitos. Em decorrência deste movimento inicial obtiveram o direito ao voto em 1918, o que viabilizaria certa “igualdade” perante aos homens. Como nos EUA, o feminismo no Brasil teve sua primeira manifestação pública também através do voto. As mulheres iniciaram sua luta por direitos eleitorais, que foi conquistado por aqui em 1932, com a instituição do Novo Código Eleitoral Brasileiro.

O movimento feminista se enfraquece nos anos 30, mas um turbilhão de acontecimentos vem a acontecer no mundo que volta a fortalecer a luta das mulheres. Será na década de 1960 que de fato podemos localizar ações contínuas em defesa dos direitos das mulheres e a busca por uma identidade própria. Isto ocorreu em particular nos EUA em meio a inúmeros movimentos de mudança da sociedade pós-guerra do Vietnã. Dentre essas ações se destacam o movimento hippie que contrariava os valores

morais da época, pregando a liberdade sexual e a igualdade entre raça e gênero. Outro fator relevante foi o surgimento do anticoncepcional nos EUA e na Alemanha, permitindo que as mulheres tivessem maior liberdade sexual, desvinculando a obrigação da relação sexo/maternidade, tendo autonomia para decidir sobre seu próprio corpo. (Pinto, 2010)

Um fato apontado pelos autores que tratam o tema foi à influência dos movimentos sociais libertários das mulheres exiladas brasileiras: a partir da perseguição política da ditadura militar nas décadas de 1960 e 1970, o feminismo brasileiro foi marcado também por contestar a política, à medida que se opõe a ditadura. Segundo Pinto (2003, p. 54) é no interior desses grupos que as mulheres brasileiras perceberam que tinham uma demanda diversa de seus companheiros que consideravam o feminismo um estorvo para a luta contra a ditadura e o socialismo, já que as distinções que envolviam gênero incomodavam a luta armada, onde as mulheres eram consideradas até mesmo perigosas e deveriam ser controladas.

A militância feminina traz à tona a reflexão de qual posição ela ocupa em meio à vida pública e política, já que normalmente seu papel na sociedade dominada pelo gênero masculino, onde seu destino era permanecer confinada, realizando somente o que era imposto pela sociedade patriarcal, como sendo próprio do mundo feminino, ou seja, ela era impedida de participar do mundo público, pertencente aos homens e sendo seu destino viver confinada no mundo privado. Com isso, o objetivo das mulheres não é somente dividir ou separar suas reivindicações dos homens; mas sim resistir às relações de dominação existentes, no que se pautava o rigor do feminismo brasileiro, influenciado por experiências oriundas da experiência na ditadura. O que representou uma resistência não só ao sistema político, mas também, ao fato de que as mulheres se negavam a cumprir o que lhes era imposto, de acordo com a cultura na qual se insere, levando as militantes a externar um comportamento masculinizado que ia contra, por exemplo, a virgindade e o casamento, sendo um passo para a emancipação, à medida que era reconhecida sua igualdade perante aos homens, mesmo que tardiamente (Garcia, 1997).

Segundo Sarti (2004) essa resistência feminina e as mudanças que estavam acontecendo no Brasil, levaram também ao crescimento do mercado de trabalho e mais oportunidade de acesso à educação. Concediam novas oportunidades às mulheres e conseqüentemente, essas mudanças no cotidiano brasileiro, conflitavam com o caráter autoritário e patriarcal da sociedade brasileira, assim interpretado à época.

Para Miriam Goldberg (1989), o feminismo no Brasil tornou pública a desestabilização nas relações entre homem e mulher ao mesmo tempo em que fortaleceu algumas transformações sociais que inspiraram diferentes mulheres e que se assumem como feministas a partir da década de 1970.

O feminismo brasileiro tem suas manifestações iniciais na classe média, onde se encontra mulheres brancas que puderam ter acesso à educação universitária, decorrente do desenvolvimento social e econômico no Brasil. Mas, segundo alguns autores, como é comum em todo movimento social, o feminismo em seu início também se organiza concomitantemente, em movimentos de bairros, tomando como exemplo o cotidiano das mulheres das classes mais populares e direcionando suas reivindicações ao Estado, para que o mesmo cumpra seu papel de promotor do bem estar da sociedade. (COSTA, BARROSO E SARTI, 1985). Isso faz com que o movimento seja considerado um movimento de interclasses por esses autores. (Schimink, 1981)

Com o passar do tempo (com ápice entre metade da década de 70 e toda a década de 80), os debates sobre a emancipação feminina no Brasil marcam presença em diversos movimentos sociais fundamentais para sociedade brasileira. O movimento feminista tem reivindicações no que diz respeito à igualdade entre os sexos na educação, direitos reprodutivos e saúde, participação política das mulheres, discriminação no trabalho e violência contra a mulher.

Com a volta das exiladas, no início dos anos 80, o movimento de mulheres brasileiras se fortaleceu, já que elas chegavam influenciadas pelo feminismo europeu e por uma forma diferente de vida que se distanciou dos padrões patriarcais existentes no Brasil. Isto ocasionou severas mudanças na vida pessoal e política dessas mulheres, legitimando-as como sujeito do movimento. A partir daí, o movimento ganha um novo fôlego no país, com a difusão dos ideais feministas através de suas militantes e que foram se moldando de acordo com a modernização da sociedade, adentrando em sindicatos, partidos políticos.

A expansão do movimento feminista e suas mobilizações nos levam a crer que as reivindicações têm suas especificidades e exige um tratamento próprio. Questões que se referem à identidade de gênero ganham visibilidade política no país abrindo para as políticas públicas específicas da mulher e sobre a conscientização de seu lugar na sociedade, o que dura até anos 80 aproximadamente. O movimento feminista era único e

omisso às diversidades existentes nas mulheres engajadas no movimento, já que a prioridade no momento era exclusivamente combater o autoritarismo e as desigualdades sociais.

Segundo Moraes, os ideais feministas difundiram-se por todo país, com o processo de modernização da sociedade brasileira, conscientizando-se da opressão da mulher, fazendo com que os grupos se organizassem em ONG's que vieram a influenciar as políticas públicas específicas nos direcionamentos de suas questões, onde o objetivo era sanar a desigualdade existente entre homem e mulher, que deixam vir à tona também outras desigualdades vivenciadas pelas mulheres, principalmente as menos favorecidas. Isto resultou também no interesse em desenvolver pesquisas acadêmicas sobre a mulher, além de levar a criação de conselhos próprios nas esferas municipal, estadual e federal. A questão da violência contra mulher ganha visibilidade, sendo tratada em delegacias próprias e considerada caso de saúde pública, que necessita de atenção, o que culminou a uma alteração da Constituição Federal em 1988, mais uma forma de apoiar a tentativa de sanar as diferenças entre homens e mulheres. Vale ressaltar, que a luta feminista brasileira levou a criação do Conselho Nacional da Condição de Mulher (1984) que influenciou drasticamente na alteração constitucional. Porém, nos governos posteriores, o conselho perdeu força e só no Governo de Lula, ele foi retomado, com a Criação da Secretaria Especial de Políticas para as mulheres.

A inserção das reivindicações femininas na conjuntura política atenua duas questões: a dificuldade de articulação política contra a opressão sofrida pela mulher e o fato do feminismo abranger as mulheres de forma totalitária, o que é praticamente incoerente, já que as mulheres estão inseridas em diferentes contextos políticos, sociais, culturais e raciais.

Uma infinidade de fatores fez com que o feminismo brasileiro tivesse uma ampla visibilidade mundial, entre eles: o Ano Internacional da Mulher, declarado pela ONU, em 1975, que junto com as mudanças, acarretadas pela modernização, ressaltou a questão da hierarquia entre gêneros. Ao mesmo tempo, o feminismo no Brasil ganhou as ruas, resultado da resistência feminina à ditadura. (Sarti, 2004)

O reconhecimento do movimento pela ONU criou uma nova imagem para o referido movimento social, abrindo espaços para formação de grupos políticos especificamente femininos que envolviam diversas classes, o que deixou o movimento

feminista com características próprias, e levou a uma relevante relação com a Igreja católica. Segundo Boff (1992), após permanecer durante anos a favor da elite e da sociedade patriarcal, a Igreja passa a ficar ao lado das classes menos favorecidas. Os chamados de Movimentos Eclesiásticos de Base eram liderados por mulheres e possibilitavam que a Igreja estreitasse o caminho que deveria ser percorrido, para que esses grupos dirigissem ao governo suas reivindicações, que já foram descritas anteriormente neste texto. Dessa forma, Igreja e o feminismo lutaram contra o regime autoritário existente na época, porém, nos casos que eram incompatíveis (ou considerado proibidos, por parte da Igreja) com a posição de ambos, eram deixadas de lado ou seriam discutidas num momento oportuno. Dentre os assuntos “vetados” estão o aborto, a sexualidade, métodos contraceptivos. (Sarti, 2004)

Outro aspecto relevante do feminismo brasileiro é o fato de ter bases locais, como já foi dito anteriormente, tendo como espelho as moradoras de periferia e suas reivindicações acerca de uma infraestrutura básica decente. Estas reivindicações acabaram envolvendo a questão reprodutiva (e em consequência, outras questões que envolvem a saúde da mulher) que por sua vez será identificada como uma das principais bandeiras da luta feminina, levando-as a se articularem politicamente. (CALDEIRA, 1990)

Debates femininos atuais, segundo Butler, evidenciam uma universalidade da identidade feminina e a opressão masculina. O fato de globalizar as reivindicações femininas virou alvo de críticas sobre a categoria “mulheres”, pois muitas não se sentiam representadas, devido às diferenças raciais, culturais ou sociais. O que gera uma divisão no que vem a ser o sujeito do feminismo, já que para ela, o feminismo defende a identidade decorrente apenas pelo gênero e isso consequentemente leva a desconstrução da teoria feminista, a desconstrução da unidade de gênero pregada pelo feminismo tradicional.

De acordo com Caldwell (2000), a partir dos anos 80 as categorias mulher, masculino e feminino são questionadas, principalmente pelas mulheres negras, devido à utilização de categorias nos estudos sobre mulheres. Esse debate introduzido por mulheres intelectuais não brancas na teoria feminista, fez com que outras categorias tivessem mais atenção juntamente com o gênero. E uma das categorias que ganha destaque, é a raça.

2. Algumas considerações sobre o feminismo negro e sua projeção no Brasil

As discordâncias entre militantes mulheres a respeito das pautas iniciais do movimento feminista deram origem ao feminismo negro no Brasil. O movimento feminista hegemônico segundo novas perspectivas, não levou em conta as especificidades importantes sob a ótica das mulheres negras que faziam parte do movimento. As experiências diversas que associavam o contexto inicial do feminismo no Brasil a mulheres brancas e de classe média, não davam a visibilidade desejada pelas mulheres de periferia, cujas demandas eram em geral também associadas a sua negritude.

Além de levantar questões que envolvem o movimento negro no Brasil (no qual algumas mulheres negras se inseriam), o feminismo negro considera a mulher negra uma minoria dentro da minoria; as relações de gênero funcionam como forma de repressão da autonomia feminina, o que impede mulheres negras de ocuparem as mesmas posições de homens também negros. Além de ser uma subordinação à dominação masculina, acontecia também uma subordinação em relação às mulheres brancas, o que leva as feministas negras a lutarem por seus direitos baseando-se nas diferenças em relação às mesmas.

Na conjuntura capitalista na qual está inserida na atualidade, a maioria das mulheres negras lutam por igualdade social. Por isso, a princípio, elas tentaram buscar essa igualdade dentro do movimento feminista tradicional, mas o mesmo pregava como foi dito anteriormente, certa universalidade feminina, menosprezando as diferenças existentes entre as mulheres, o que deixa o movimento suscetível a críticas. Como o movimento feminista lutaria por todas as mulheres, se não considera as diversidades da raça?

Segundo Barbosa (2010), as feministas norte-americanas foram as primeiras a notar que o gênero e a raça têm impactos importantes para o movimento feminista e estão diretamente relacionados às experiências na vida das mulheres. Elas evidenciam a dificuldade que as mulheres brancas teriam em representar as mulheres negras, já que elas não vivenciam das mesmas dificuldades.

Como o movimento feminista tradicional não abarca as especificidades das mulheres negras e o movimento negro não enfatiza as questões de gêneros, Carneiro (2011) considera que as mulheres negras têm que realizar uma dupla militância, para que sejam asseguradas as conquistas no campo racial e que as mesmas não sejam inviabilizadas por questões de gênero, privilegiando somente as mulheres brancas, já que

questionam a realidade da mulher aplicada no coletivo, ignorando distinções de raça e classe.

As feministas que têm suas reivindicações abarcadas pelo feminismo tradicional tem dificuldade de alcançar os diversos grupos de mulheres, pois não entendem realmente suas dificuldades e necessidade diante das relações opressoras que envolvem o sexo, a raça e a classe, e se concentrando exclusivamente no gênero, fazendo com que o feminismo tradicional, excluísse as mulheres etnicamente diferentes, deixando a falsa impressão de que todas as mulheres lutassem em prol de um único objetivo.

O feminismo negro tem como objetivo viabilizar os direitos das mulheres negras, na tentativa que as mesmas encontrem seus lugares no interior da sociedade, buscando sua emancipação e igualdade nos direitos. Isto fez com que as mulheres negras (entre as décadas de 70 e 80) viessem a se organizar mais efetivamente, levando ao que pode se considerar uma ruptura com o movimento feminista tradicional, articulando ativamente classe, gênero e raça, para que pudessem compreender a si mesmas e suas especificidades. E devido à conscientização de especificidades é que as mulheres negras se conscientizam do surgimento de um novo sujeito no interior do feminismo tradicional; um sujeito pertencente a grupos e raças diferentes e que sofre com a dupla discriminação a qual está submetido.

Nesse contexto é importante ressaltar que a opressão vivenciada pela mulher negra não é mais importante que a da mulher branca, porém é necessária a compreensão de que a mulher negra experimenta um conjunto de desvantagens sociais que resultam em uma posição social inferior à da mulher branca.

Segundo Carneiro (2001), no Brasil o racismo é um dos tipos de preconceito de maior incidência, deixando em evidência a superioridade de alguns indivíduos sobre os outros, fazendo com que a sociedade camuflasse tal problema e conseqüentemente, a impunidade em relação ao racismo. Aqui no Brasil, o Feminismo Negro passa a ter visibilidade na saúde reprodutiva da mulher, na década de 80, após denúncias¹ sobre

¹De acordo com o site Café história, na matéria “A questão da Saúde Reprodutiva e o Feminismo Negro no Brasil”, umas das mais importantes denúncias de controle da natalidade foi o documento O censo de 1980 no Brasil e no estado de São Paulo, do economista Benedito Pio da Silva, em 8/06/1982

esterilização de mulheres negras, o que faz com que o Feminismo Negro brasileiro se pautasse nas relações não só entre gênero e raça, como também na saúde feminina.

Mas a consolidação e reconhecimento do movimento se dão realmente no Brasil, de acordo com Correia (2015) através de ONG'S de mulheres negras², que atuam combatendo além da discriminação racial, a violência doméstica e trazem esclarecimentos sobre a saúde reprodutiva da mulher negra³.

A partir dessa perspectiva, a conscientização a respeito das especificidades da mulher negra tornou-se cada vez mais evidentes. Grandes nomes da militância negra foram tomando força e construindo sua trajetória ativista influenciando positivamente na formação de um movimento feminista negro. Um ponto em comum às mulheres que se destacaram no movimento é o fato de se apresentarem feministas, mas cujas demandas estão intrinsecamente relacionadas às suas experiências individuais com práticas racistas, ainda que as autoras tratadas possam estar inseridas em contextos diversos, como o que vivenciou Bell Hooks e Angela Davis nos EUA e Lelia Gonzalez no Brasil.

Essas mulheres são exemplares para pensarmos a relação entre as abordagens do feminismo negro e as experiências pessoais de suas militantes e mesmo que resguardadas as diferenças entre as realidades das duas primeiras (em um contexto norte-americano) e a última (brasileira). Isto porque as formas de discriminação foram vivenciadas de formas distintas nos dois países.⁴

²As ONG's citadas por Correia (2015) são Geledés (SP), Fala Preta (SP), Nzinga-Coletivo de Mulheres Negras (RJ), Crioulas (RJ).

³ A respeito do papel das ONG's na atualidade: Segundo Santos (2009), elas tem papel fundamental no debate e na negociação entre Estado e Sociedade civil, desenvolvendo estratégias de confronto das desigualdades raciais, gênero, sociais e de orientação sexual, bem como da violência, dos entraves na área da saúde, educação, emprego.

⁴ Segundo Da Matta (2009), O que chama a atenção quando se compara a existência do racismo americana com o brasileiro, é o fato de que, embora existam uma mistura de raças no Brasil quanto nos Estados Unidos, na sociedade brasileira “esses mestiços tem um reconhecimento cultural e ideológico explícito, quanto que, no caso americano, eles se submergem como brancos ou como negros”, levando à exclusão/segregação de qualquer raça que a sociedade considere como diferente, já que a mistura de raças não é aceita. Já no Brasil, o sistema privilegia o meio-termo e a ambigüidade como valor, ou seja, entre

bell hooks⁵ por exemplo, fazia parte de família negra trabalhadora com doses de tirania patriarcal, o que a levou a ter questionamentos a respeito da dominação masculina. Essa experiência, segundo ela mesma no texto “Mulheres Negras: moldando a teoria feminista” permitiu que ela resistisse aos traumas sofridos, como é frequente a outras mulheres negras e que também passam a lutar por seus direitos em decorrência de experiências pessoais traumatizantes. Dessa maneira, a experiência que hooks teve de viver numa família submetida à tirania patriarcal, a fez ter inquietações referentes ao movimento feminista pregado pelas mulheres brancas.

Mulheres negras menos informadas, muitas vezes desconhecem movimentos e organizações do movimento negro, devido à dificuldade no acesso a informações, já que fazem parte de um grupo desprivilegiado de condições em comparação as mulheres brancas, fazendo com que as negras ficassem dependentes do movimento feminista tradicional. Isso leva bell hooks a cada vez mais indignar-se, nutrindo um sentimento de resistência a respeito da opressão masculina vivida pelas mulheres negras como ela, fazendo com que não se submetesse a classe dominante e a ideologia branca hegemônica⁶ vindo a lutar na intenção de modificar a situação. Acreditou que suas experiências individuais eram imprescindíveis, pois fizeram aflorar sua consciência política acerca do feminismo. Sua concepção nos leva a entender que só quem sente na pele o que é ser discriminado no aspecto racial e de gênero, pode lutar efetivamente por essas causas; ou seja, somente as mulheres negras o podem fazer.

negros e brancos pode haver uma complexa gradação, onde considera que as diversas etnias existentes, se complementam na formação do povo.

⁵ bell hooks é o pseudônimo adotado por ela, em homenagem a sua avó e prefere que seu nome seja sempre escrito em minúsculo para que a atenção seja voltada somente para sua obra, estabelecendo que o conteúdo da mesma seja mais importante a sua biografia

⁶ De acordo com hooks (2000), algumas mulheres feministas, se colocavam na posição de autoridades, com intuito de mediar o dialogo entre brancas e negras, que eram consideradas incapazes de um dialogo razoavelmente racional.

Já Angela Davis⁷, de acordo com Barreto (2010) assume que sua vida e sua luta fundiam-se em uma só; sendo capaz de perder sua vida por seus ideais. Em suas obras é nítida a tentativa de desconstruir a visão carregada de discriminação da mulher afro-americana e tudo que há em comum entre raça, classe e gênero. No início, seus trabalhos visavam combater a discriminação que envolvia o gênero e a raça e as opiniões vexatórias a respeito das mulheres negras. O tempo que militou em prol do movimento negro, permitiu que ela vivenciasse a desigualdade existente entre homens e mulheres e a influencia da sociedade patriarcal, em que a mulher sempre era desvalorizada e sendo atribuídas as mesmas, um papel subalterno aos homens. O que desperta nela, a percepção da desigualdade de gênero também no interior do movimento negro, já que os homens transformavam sua luta em busca pela “supremacia do homem negro dentro da comunidade⁸”.

Nessa época, eram negados aos negros americanos os direitos básicos, além de serem submetidos literalmente às margens da sociedade, sendo constantemente excluídos da mesma. Ao mesmo tempo também, aconteciam mudanças nas conjunturas políticas, culturais e econômicas, que evidenciaram as categorias raças e gênero, resultando em revoluções e lutas por direitos, onde prevaleciam o racismo, o imperialismo e a violação da autodeterminação dos povos, segundo a própria Davis.

Com isso, ela dá atenção à condição das mulheres negras na sociedade, no período revolucionário compreendido entre os anos 60 e 70, onde o trabalho doméstico era destino certo para as mulheres negras e ainda sofriam com o assédio doméstico por parte de seus

⁷ Davis pertencia a uma família com poucas dificuldades financeiras, o que não a deixou alheia ao racismo existente. A localidade onde residia era constantemente atacada por grupos que não aceitavam a presença de negros em meio aos brancos. Foi educada numa escola segregada, onde o ensino era bem inferior das escolas que normalmente eram frequentadas por brancos; mesmo que ela não vivesse em condições tão ruins, a desigualdade racial era vivenciada por ela.

⁸A autora não opera com uma visão essencialista de comunidade negra, mas com recortes de raça, classe e gênero que a levam a uma perspectiva de construção de coalizões com outras comunidades oprimidas internamente, trabalhando junto com as diferenças, pois também não considera o futuro hegemônico com a diversidade.

padrões. Isso acontecia também no interior da própria comunidade negra, mas que não eram punidos, por serem resumidamente, da mesma raça.

O que Davis tenta também externar, é a fala das mulheres negras desprovidas de educação e de poder aquisitivo, pois ela como mulher negra americana, teve condições favoráveis de ter uma educação descente que a possibilitasse fazer isso.

As obras de ambas (Hooks e Davis) contribuem para compreensão acerca da discriminação social, racial e econômica que acomete as negras americanas; mas para Hooks, sua trajetória intelectual é comum a sua trajetória pessoal; utilizando sua experiência de vida para elucidar seu ativismo no feminismo negro.

Já no contexto brasileiro, um dos maiores nomes do feminismo negro brasileiro, Lélia Gonzalez identificou questões raciais importantes na reivindicação de mulheres negras no âmbito do movimento feminista brasileiro.

De acordo com os relatos de Raquel Andrade Barreto (2010) em sua dissertação, Lélia Gonzalez era integrante mais nova de uma família pobre, com muitos filhos, com pai ferroviário e mãe doméstica. Teve mais acesso aos estudos que seus irmãos, o que a tornou independente, mas ganhando a vida exercendo trabalho doméstico, o que acontece com a grande maioria de mulheres negras. Sua em História e Geografia em 1958 e posteriormente em Filosofia, em 1961, segundo Barreto, acabou por afastá-la de suas origens, o que acontece com muitos negros que tem essa oportunidade. Teve seu despertar sobre sua condição de mulher negra só após sofrer discriminação por parte da família de seu marido, Luiz Carlo Gonzalez, que fora também seu colega de graduação.

Sua relação com a produção de conhecimento foi uma busca incessante; ela detestava a postura acomodada e alienada das pessoas: Lélia detestava que as pessoas não tivessem conhecimento, principalmente nós mulheres negras, tínhamos que estar cientes da nossa posição perante essa sociedade massacrante. A gente tinha que amar o nosso corpo, a gente tinha que ter posição, a gente tinha que ter conhecimento de tudo. Para poder ser libertar dessa internalização branca, desse embranquecimento que foi colocado.⁹

⁹ Entrevista realizada com Eliane de Almeida, sobrinha de Lélia, em 05 de Julho de 2004.

Em seus trabalhos, ela tenta utilizar palavras de fácil entendimento, uma linguagem mais popular, pensando nos negros que não possuem acesso a uma formação até mesmo básica, para que fosse mais bem compreendida pelos seus. Muitas vezes utilizando o próprio cotidiano dos negros para explicar determinadas situações, o que é segundo Barreto, uma das práticas do feminismo negro.

Lelia Gonzalez além de fazer uma minuciosa análise sobre raça e gênero no Brasil, contribuiu também (a partir de sua militância no movimento negro e no movimento de mulheres) que as mulheres negras demandavam, de um pouco mais de “atenção”. Já que as mesmas, desde época da escravidão, já sofriam com a opressão e a discriminação, seja atuando nos afazeres doméstico e até mesmo para suprir as necessidades sexuais de seus senhores¹⁰. Já no século XX, é possível notar que as mulheres negras conseguem um avanço em suas condições econômicas, mas essa condição logo regride: as mulheres negras têm oportunidades de ingressar na indústria têxtil, mas não possuíam um biotipo adequado para tal, o que fora denunciado pelo movimento negro entre os anos 70 e 80.

Mas não só de inferioridades vive a mulher negra. Mesmo que perante a sociedade patriarcal ela não tivesse voz, segundo Lelia, a mulher negra pode assumir um cargo de liderança sim. Isso ocorre nas religiões de matrizes africanas e nas comunidades, onde ela assume uma posição de liderança e que luta por sua sobrevivência e de sua família. De um modo geral, é demonstrada na produção de Gonzalez a resistência, fortaleza das mulheres negras no interior processo social.

3. O Feminismo Negro e o uso da internet: uma forma de ativismo digital.

Como já foi dito no capítulo anterior, o feminismo negro surge a partir do momento que as mulheres negras não se sentem representadas pelo feminismo

¹⁰Segundo Barreto, para Lelia as atividades que são historicamente destinadas às mulheres negras brasileiras, era uma permanência das atribuições da Casa Grande, que variava em “tarefas similares, como merendeiras, serventes”. Essas mulheres incorporavam ainda a inferioridade e a subordinação, além disso, estavam expostas aos assédios sexuais de seus patrões.

hegemônico branco e nem tampouco pelo movimento negro tradicional, que levou a essas mulheres a se posicionar contra os privilégios que as feministas brancas tinham em relação a elas. Historicamente falando, sempre foi negada aos negros a possibilidade de ter suas reivindicações e necessidades externadas, devido à sociedade patriarcal com moldes de racismo, sempre sendo postos as margens das mesmas, ainda mantem a população negra em condições sociais precárias e muitas das vezes, sem acesso à educação formal.

Algumas questões que foram primordiais para a formação do feminismo negro no Brasil e até hoje permanecem vigentes nos movimentos mais contemporâneos, são difundidos principalmente, com o uso da internet. Atualmente, a facilidade de acesso aos meios tecnológicos traz consigo, a possibilidade de que as mais diversas informações cheguem a locais e pessoas que antes eram considerados impossíveis. De acordo com Castells (2005) as sociedades estão, desse modo, organizadas em torno de redes comunicacionais que modificam substancialmente a morfologia do nosso meio. Essas redes são estruturas flexíveis que têm capacidade de expansão ilimitada e de tempo quase infinito. Seu uso além de possibilitar que indivíduos dos mais diferentes tipos se expressem, faz com que os indivíduos externem também suas reivindicações, frustrações, experiências de vida.

E será isso que abordarei neste capítulo. O fato de a internet possibilitar que mulheres negras se expressem, de como seu uso contribui para que os mais diferentes tipos de pessoas, dos mais diversos locais, tomem conhecimento sobre ele, seja através de sites ou blogs sobre o referido tema, ampliando e, por vezes, interferindo diretamente no debate, para que sua reivindicações, reflexões e anseios atravessem cada vez mais barreiras, para que levam a surgir novas formas de reflexões políticas, sociais e culturais dentro da sociedade.

Segundo Kenski (2007), a reflexão sobre o uso da tecnologia “implica em entender que a evolução tecnológica provoca não somente uma introdução de novos produtos e usos, como também a alteração de comportamentos num dado grupo social”.

Na concepção de Denis Moraes (2001), o ativismo digital possibilita o “dinamismo que possibilita as lutas das entidades civis a favor da justiça social num mundo que globaliza desigualdades de toda ordem”. O ativismo digital viabiliza o fortalecimento da sociedade no processo de universalização de valores e direitos democráticos. Ele facilita a comunicação de indivíduos e grupos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos, defendendo identidades culturais,

valores e levando a interações políticos-culturais. E é dessa forma que o feminismo negro com o uso da internet pode ser compreendido; a mulher negra por si só, sofre opressão não só por se mulher, mas também, por ser negra e em sua grande maioria por pertencer a uma classe social mais baixa¹¹ pois o mesmo se pauta em favor das mulheres negras, onde a dinâmica que a internet possibilita e permite que essas mulheres compartilhem das mais diversas experiências, debatendo o que é ser minoria dentro do feminismo tradicional, o que leva a produção de conhecimento e possibilitando que essas mulheres se mobilizem politicamente na articulação e negociação de seus direitos e interesses, e muito além disso: faz com que muitas mulheres negras se aceitem com tal.

O feminismo negro proporciona nas mulheres negras um pensamento que as estimula escrevam suas histórias e onde a experiência é o centro que orienta a produção das teorias, as produções tem conseguido conduzir outras mulheres negras a buscar respostas para os seus anseios.

O conhecimento produzido no campo político e acadêmico por feministas negras tem enfatizado a centralidade da intersecção de “raça”, gênero, classe e sexualidade não só no que se refere à compreensão do estigma marginalizado e das drásticas condições de vida a que a maioria das mulheres negras se encontra sujeitas, mas também no que diz respeito à elaboração de estratégias sociais e políticas que transformem tais circunstâncias. (SANTOS, 2007, p.12)

E é no interior dessas transformações relacionadas à vida das mulheres negras que compreenderemos como através do uso da internet, os discursos e narrativas desse segmento sai da invisibilidade e ganhando visibilidade entre os mais diversos públicos, viabilizando suas pautas no combate, principalmente da discriminação de gênero e raça.

Os sites que destaquei em meio a muitos existentes, em quais é possível perceber esses novos moldes do feminismo negro, foram o “*Geledés*”, o “*Blogueiras Negras*” e o “*Pretas Candangas*”.

O Geledés - Instituto da Mulher Negra foi fundado em abril de 1988, inicialmente por uma organização de mulheres que lutavam contra a discriminação de gênero e racial, o que inclui também a lesbofobia, a homofobia, preconceitos que

¹¹Ainda por influência do período da escravidão que existiu no país, a maioria dos negros infelizmente, tem poucas condições financeiras, habitam em locais de estruturas precárias e tem menos acesso a educação.

envolvem cultura, religião e classe social, mas na atual conjuntura da sociedade contemporânea (assim como os outros sites a serem analisados), também aborda as áreas diversas, como educação, saúde, comunicação, entre outros temas muito presentes na sociedade brasileira. Desenvolvendo meios próprios para tal ou através de parceria com outras organizações, possibilitando a expansão mundial de diversas informações, lutando em prol dos direitos dessas mulheres, que muitas das vezes ficam em desvantagem a varias oportunidades sociais, em relação às mulheres brancas.

Na atualidade, o Geledés prioriza a luta contra a violência doméstica e sexual contra a mulher, pela realização da igualdade no mercado de trabalho, em defesa dos direitos reprodutivos e direitos sexuais das mulheres, pela descriminalização do aborto, contra os estereótipos e estigmas que se reproduzem sobre as mulheres nos meios de comunicação.

Entretanto, o uso desenfreando dos benefícios tecnológicos, não traz só benefícios. Em meio a esse fácil acesso a internet, por exemplo, é possível que indivíduos negros passem por situações um tanto vexatórias. Frequentemente, tomamos conhecimento de pessoas vítimas de discriminação racial, que acontece não só por via online, como também fora, mas que tomam proporções gigantescas, quando caem na rede¹².

A violência contra a mulher é um problema de grande relevância no contexto brasileiro na atualidade. O IPEA desenvolveu no período compreendido entre 2011-2013, um estudo com objetivo de contabilizar as taxas de mortalidades de mulheres decorrentes de agressão, nas diversas Macrorregiões brasileiras. Concluiu-se que no Brasil ocorreram 17.581 mortes, onde 64% eram negras.

O site Geledés traz um diferencial na luta contra a violência: desenvolveu o Aplicativo PLP 2.0¹³, para socorrer mulheres em situação de violência, o que mostra

¹² Podemos citar os casos de discriminação racial sofridos pela atriz Tais Araújo e pela repórter Maria Júlia Coutinho nas redes sociais, através de comentários racistas. Lembrando que elas não são as únicas; muitas negras passam pela mesma situação, porém, não atingem a mesma proporção.

também como o uso da tecnologia trazendo benefícios avanços inicialmente já trilhados por meio da lei Maria da Penha¹⁴, o que o faz participar em diversas iniciativas da sociedade atuando em diversas instâncias de controle social, que visam à promoção da igualdade de gênero e raça.

As mulheres engajadas nesse projeto, quase que em sua totalidade negras, atuam estimulando a produção livre de conteúdo por mulheres negras¹⁵, através de histórias de vida (assim como as experiências de vida, influenciaram a obra e o discurso das militantes e feministas negras no capítulo anterior) e hoje a possibilidade de versar sobre os mais variados assuntos, que ao mesmo tempo em que permite a luta por direitos, também as faz resistir à submissão que a sociedade as impõe. Possibilitando a visibilidade que é negada não só as mulheres, como também aos homens negros, fazendo com que eles se posicionem contra as opressões sofridas e contribuam com a sociedade na disseminação de informações a este respeito.

Uma das questões que o site Geledés traz e que vale a pena ressaltar é falta de representação da mulher negra em áreas do conhecimento e a visão racista que infelizmente nossa sociedade ainda possui, já que a mulher negra é vista como um objeto de servidão. A sociedade atual não é só dividida em classes; raça e gênero estão presentes no interior da mesma, fazendo com que a necessidade luta por igualdade por parte das mulheres negras, seja cada vez mais latente. Destaco aqui, um trecho da entrevista do site

¹³O aplicativo PLP 2.0 é a concretização de um projeto da parceria entre o Geledés e o Desafio Social Google 2014, que conecta mulheres em situação de violência com medidas protetivas expedida pela justiça, oferecendo a elas um rápido atendimento em caso de urgência.

¹⁴A Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, atuando na eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres; prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; que leva a alteração do Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

¹⁵Produção e publicação de conteúdos, se fazendo valer dos mais variados suportes: Blog, vídeos, livros, áudios,

Geledés, intitulada: 'Você faz faxina, perguntou uma mulher, e a resposta foi: "Não, faço mestrado"'¹⁶

"Hoje uma senhora me parou na rua e perguntou se eu fazia faxina.

Altiva e segura, respondi:

– Não. Faço mestrado. Sou professora.

Da boca dela não ouvi mais nenhuma palavra. Acho que a incredulidade e o constrangimento impediram que ela dissesse qualquer coisa.

Não me senti ofendida com a pergunta. Durante uma passagem da minha vida arrumei casas, lavei banheiros e limpei quintais. Foi com o dinheiro que recebia que por diversas vezes ajudei minha mãe a comprar comida e consegui pagar o primeiro período da faculdade.

O que me deixa indignada e entristecida é perceber o quanto as pessoas são entorpecidas pela ideologia racista. Sim. A senhora só perguntou se eu faço faxina porque carrego no corpo a pele escura.

No imaginário social está arraigada a ideia de que nós negros devemos ocupar somente funções de baixa remuneração e que exigem pouca escolaridade. Quando se trata das mulheres negras, espera-se que o nosso lugar seja o da empregada doméstica, da faxineira, dos serviços gerais, da babá, da catadora de papel."

De acordo com hooks (1995), isso ainda acontece em nossa sociedade, pois "o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente e torna o domínio intelectual um lugar interdito. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam

¹⁶ Experiência da professora e Historiadora Luana Tolentino, publicada no site Geledés, em 19/07/2017.

uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros.

Outro site que me chamou a atenção foi o “Blogueiras Negras”. Ele é formado por mulheres negras ou que se reconheçam como tal, que se unem para versar sobre assuntos e matérias que envolvem gênero e raça, que inicialmente era um projeto dava voz a essas mulheres, utilizando a escrita como ferramenta de combate contra todo tipo de discriminação, considerando que a produção teórica é a principal forma de termos nossa própria identidade e dando visibilidade a essas produções e criando um espaço que acolha e empodere essas mulheres, através da troca de experiências.

Um exemplo disso, é a matéria “E a Universidade?” de Sthefanie Ribeiro. Em seu texto ela relata o preconceito sofrido por ela por ser mulher e negra, cotista e estar cursando arquitetura, um curso considerado elitizado e também, experiências de universitários de outras instituições que sofriam na pele com o preconceito, que vinham até mesmo da parte dos docentes. Já que muitas Universidades vistas como elitizadas não facilitam a integração de pobres e negros, pois consideram que não há necessidade o seu sistema em prol dos mesmos.

Já o site “Pretas Candangas” é um grupo de diferentes mulheres que se assumem como negras, que se reuniram em 2011, depois de experiências adquiridas em grupos negros¹⁷, com objetivo principal de dar voz as mulheres negras, buscando a militância que seja de acordo com suas experiências de vida e suas áreas de atuação. Através do estímulo das mesmas a externar sua intelectualidade, visão política, cultural e ativista de forma individual ou coletiva, estabelecendo contatos para que haja uma troca de experiências mútua entre essas mulheres. Atuam não só contra o racismo e a discriminação por gênero, mas também lesbofobia, transfobia e qualquer tipo de opressão e discriminação existente em nossa sociedade, assim como os outros dois sites analisados. Mas com um diferencial: preocupam-se também em militar no meio acadêmico, na produção de pesquisas de cunho racial e de gênero e admitem que não falam pelas mulheres negras como um todo, (já que são submetidas diferentes condições), mas

¹⁷Grupos negros: Enegrecer (BA), Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (DF), Nosso Coletivo Negro (DF).

buscam estabelecer contatos, trocas e vivências com outros grupos de mulheres negras para que possam se fortalecer mutuamente.

Considerações Finais

Pude observar que esses sites analisados, mesmo que atualmente estejam abertos a outros tipos de discussões, são formados por mulheres negras ou afrodescendentes que compartilham em geral, da militância em prol da mesma causa: a luta contra a discriminação de gênero e racial. Pois só elas mesmas seriam capazes de reivindicar por

seus direitos, por somente elas pertencerem e terem vivenciado fatos que as levaram a tomarem tal atitude. Mas vale ressaltar também, que além de propiciar o conhecimento, esses sites através do uso da internet fazem com que o feminismo negro tome novos contornos.

Antes, o conhecimento era simplesmente produzido por quem o tinha (militantes negras) e recebido por aqueles que tinham o interesse. Mas com o uso da internet, o público pode ser parte integrante do processo de produção de conhecimento, já que passa a ter a possibilidade também, desde que esteja conectado a rede, de poder transmitir e receber informações dos mais diversos tipos de qualquer parte do planeta.

As práticas comunicacionais da cibercultura são tantas e muitas delas inéditas, impactando a sociedade de forma singular. A cooperação passa uma das questões que dão dinâmica nesta nova forma de se propagar o feminismo negro, já que o compartilhamento de informações de todo tipo constrói processos coletivos, dando forma a diversos espaços os quais fazem com os sintam-se beneficiadas com a possibilidade de produzir informação e receber informações.

Ao aceitar e incentivar as contribuições textuais auxilia a formação política que descentraliza o conhecimento, esses sites tem contribuído para incentivar que mais mulheres negras possam narrar suas experiências e, através de suas histórias, ajudar outras mulheres que vivenciam situações parecidas e até mesmo a viabilização de atividades presenciais que auxiliam na auto aceitação e no empoderamento dessas mulheres.

Como exemplos dessas atividades presenciais, podemos destacar o recente Evento que aconteceu em São Paulo, em junho de 2017 a “Marcha das Mulheres Negras¹⁸”, onde com o uso das redes sociais, suas organizadoras convidam a todos aqueles que se simpatizam com a causa, par se unirem coletivamente em prol da luta antirracista, anti-machista e com a luta de classes que demarca lugar especialmente cruel para as mulheres negras.

¹⁸Após grande marcha das Mulheres Negras de Brasília em 2015, mulheres negras conscientizam do potencial transformador da união necessidade de diferentes mulheres negras, de segmentos diversos, consequentemente gerando o acúmulo de força política. (<https://www.geledes.org.br/em-sao-paulo-marcha-das-mulheres-negras-avanca>)

Referências Bibliográficas

AMORIM, L. T. (2011) **Gênero: uma construção do movimento feminista?** Anais II simpósio Gênero e Políticas públicas ISSN2177-8248, Londrina, PR.

BARRETO, M.P.S.L., **Patriarcalismo e o Feminismo: uma retrospectiva histórica,** Revista Àrtemis, v.18, n. 1, p.64-73, 2004.

BUTLER, J. P. (2016) **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, 11ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

COELHO, A. M. S.; GOMES, S. S. **O movimento Feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. Apresentação de trabalho VII Jornada Internacional Políticas Públicas, 2015.

CORREIA A. P. S. **Mulheres da periferia em movimento: um estudo sobre outras trajetórias do feminismo**.

DAMASCO, M. S.; MAIO, M. C. e MONTEIRO, S. **Feminismo Negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no brasil** (2012)

DA MATTA, R. **O Racismo à Brasileira**. Anais do Seminário Internacional Multiculturalismo e Racismo: o Papel da Ação Afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos (2009). Disponível em: www.geledes.org.br/racismo-a-brasileira-roberto-da-matta/

HOOKS, B. (2015) **Mulheres Negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16, p. 193-210.

MALTA, R. B. e OLIVEIRA, L. T. B. (2016) **Enegrecendo as redes: O Ativismo de mulheres Negras no Espaço Virtual**, Revista Gênero, v.16, nº2, p. 55-66

MOREIRA, N. R. **O Feminismo Negro Brasileiro: Um Estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo (2007)**, Campinas, SP.

MORAES, D. **“O ativismo digital”** Biblioteca online de Estudos da Comunicação, 2001. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>

OLIVEIRA, L. T. B. de Narrativas em rede: **O feminismo negro nas redes sociais**. Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS. Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS. Universidade Federal de Sergipe – UFS. 27 a 29 de abril de 2016.

PINTO, C. R. J. (2010) **Feminismo, História e Poder**. Revista Sociologia Política, v. 18, n. 16, p. 15-23

SARTI, C. A. (2004) **O Feminismo brasileiro desde os anos 1970: revistando uma trajetória**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis.

Sites consultados:

www.tandomiza.com.br/guerra-do-vietna-impulsiona-movimento-de-contracultura/

www.historia.uff.br/nec/guerra-fria-e-contracultura

www.cafehistória.com.br/a-questao-da-saude-reprodutiva-e-o-feminismo-negro-no-brasil

www.ebiografia.com/herbert_marcuse/

blog.esquerdaonline.com/?p=2644

www.blogueirasnegras.org

www.pretascandangas.wordpress.com

www.geledes.org.br

<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/4-reflexoes-para-conhecer-o-pensamento-de-angela-davis.html>

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27250&catid=390&Itemid=406